

A DIDÁTICA DA HISTÓRIA PARA JÖRN RÜSEN: UMA AMPLIAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Luis Fernando Cerri - UEPG
lfcerry@uepg.br

As discussões do teórico alemão Jörn Rüsen sobre a historiografia e o ensino da história constituem uma contribuição importante para o campo de pesquisa que, no Brasil, situa-se na intersecção entre a História e a Educação, materializando-se mais especificamente nos espaços institucionais e entre as pessoas relacionadas à Licenciatura em História, seus profissionais e atividades de ensino e pesquisa. Ao mesmo tempo em que corrobora a discussão que vem ocorrendo no Brasil nas últimas décadas, sobre a necessidade de extrapolar as preocupações sobre o “como” ensinar, em direção a reflexões mais amplas sobre as motivações sociais do ensino da História e a natureza do saber envolvido nesse fenômeno social, os escritos de Rüsen oferecem a perspectiva do debate alemão sobre o tema, que parte de uma visão integrada da Didática da História com a Teoria da História e a Historiografia. Aqui, a Didática da História assume muito mais a feição de uma teoria geral do aprendizado histórico, que deve transcender as relações escolares até para que seja possível melhor entendê-las, que a feição de uma teoria do ensino.

Este texto apresenta sucintamente alguns exemplos de pesquisas em curso no Grupo de Estudos da Didática da História (GEDHI – vinculado ao Mestrado em Educação da UEPG) no contexto dessa discussão de algumas das idéias de Rüsen.

HISTÓRIA E VIDA EM RÜSEN

A pequena parte da obra de Rüsen traduzida para o portuguêsⁱ ou alguns dos seus textos disponíveis para o expressivo grupo dos pesquisadores que não lê alemãoⁱⁱ permitem conhecer elementos da concepção de História e de Educação que sustentam suas posições

quanto à Didática da História. A seguir, sintetizamos alguns pontos centrais dessas concepções.

Para Rüsen, a necessidade de usar a história deriva da vida prática cotidiana. É diante da contingência de agir que cada ser humano recorre às experiências vividas e representações do sentido do tempo. Essa idéia constrói a reflexão sobre si e os outros no tempo (um conceito amplo de "história") como o princípio elementar da produção de saber sobre a história, que assume diversas características conforme a época e a cultura dos sujeitos. Da reflexão sobre a história, inerente à vida prática de todo ser humano, à História como ciência, há uma distância qualitativa e quantitativa, referente a recursos sofisticados como fontes, métodos e discussão intersubjetiva, mas a essência da atividade é a mesma: conhecer a si e aos outros no tempo, de modo a buscar elementos de explicação do mundo para orientar (se) no tempo.

O conhecimento histórico científico, portanto, é visto como uma das possibilidades de relacionamento dos homens com suas representações sobre si e seus pertencimentos no tempo. Com isso, constrói-se uma concepção de ciência em diálogo com outras "histórias", em que a operação de atribuição de sentido ao tempo, a "consciência histórica", é entendida como atributo de todo ser humano, à semelhança de Agnes Heller e à diferença de Hans-Georg Gadamer, Phillipe Ariés e outrosⁱⁱⁱ.

O conceito de consciência histórica está no centro do processo de mudança paradigmática da Didática da História, deslocando-a de uma teoria / prática da metodologia de ensino de História para uma teoria geral do aprendizado histórico. Rüsen estabelece que essa mudança significa uma ampliação do campo da pesquisa histórica na disciplina da Didática da História, que passa a se perguntar mais sobre como as pessoas (inclusive, mas não exclusivamente, os alunos das escolas) aprendem história, até como condição de pensar melhor a reflexão original da disciplina, que era como se ensina História. Transborda-se assim o escopo original, a metodologia do ensino, sob maior peso da contribuição da Pedagogia, enquanto abre-se a possibilidade de pensar a Didática da História como campo legítimo também da Teoria da História nessa abordagem, oxigenando-

a (como disciplina interna da Teoria da História, voltada para o estudo da produção, divulgação, assimilação e usos sociais do conhecimento histórico). Desse ponto de vista não fica estranho, portanto pensar, em estudos pós-graduados em Didática da História dentro de programas de História, além dos de Educação.

A DIDÁTICA DA HISTÓRIA E SEU DESENVOLVIMENTO RECENTE

O destaque dado nesse texto a Rüsen decorre do fato de que ele tem sido o mais importante interlocutor, para o Brasil, das idéias debatidas e desenvolvidas no campo da Didática da História na Alemanha. Isso ocorre tanto por conta de suas visitas periódicas ao país quanto por causa da tradução de seus artigos e livros para o português e o espanhol, bem como para o inglês, o que ocorre em escala muito menor para vários de seus colegas de debate, como é o caso de Klaus Bergmann (um artigo traduzido na Revista Brasileira de História ^{iv}), Karl Ernst Jeismann e Pandel, entre outros. Dessa perspectiva, Rüsen pode ser tomado como um importante partícipe e divulgador das mudanças paradigmáticas que a Didática da História sofreu na Alemanha desde os anos 1970, e que vêm influenciando esse campo nos demais países europeus (a título de exemplo, pode-se mencionar a pesquisa continental "Youth and History" ^v, desenvolvida aproveitando uma série de categorias desse debate, sobretudo o conceito de "consciência histórica") e no restante do mundo.

Tais mudanças respondem tanto a uma concepção de História como área de conhecimento que deve funcionar dentro de um amplo relacionamento e compreensão interdisciplinar, quanto à presença de uma nova geração de historiadores que paulatinamente foi assumindo os postos institucionais referentes à História na Alemanha ao longo dos anos 1960 e 1970, portadores daquela concepção e capacitados ao exercício metodológico da mesma.

Em suma, o recente desenvolvimento da Didática da História, de acordo com Rüsen, pode ser descrito como um movimento de recuperação do âmbito da autoconsciência da História, ou seja, passa de uma aplicação externa do conhecimento histórico produzido

profissionalmente a uma disciplina acadêmica capaz de voltar-se também para o ofício de historiador e contribuir para ampliar a compreensão histórica. Isso ocorre em função da preocupação que a Didática da História faz retomar, no âmbito da ciência histórica, com o desafio da legitimação do papel da História na vida cultural e na educação, ou, enfim, com os usos e abusos da História na vida social.

O escopo da Didática da História, portanto, passa a incluir o estudo do papel da História na opinião pública, as possibilidades e limites das apresentações históricas visuais e museus e outros campos que possam ser trabalhados por historiadores e educadores de visão não - restrita. Assim, parte-se desde o campo da História na sala de aula, dentro da concepção e referenciais metodológicos expandidos, passando pela análise da função do conhecimento e explanação históricos na vida pública, o estudo das metas da educação histórica e a avaliação da sua consecução, chegando até a abordagem mais ampla da análise da consciência histórica em sua constituição, funcionamento e conseqüências.

PESQUISAS NO GEDHI

O Grupo de Estudos em Didática da História reúne professores universitários, professores da Educação Básica e graduandos da Licenciatura e do Bacharelado em História, e tem articulado seus temas e objetos de pesquisa de forma afim à compreensão acima do que seja a Didática da História.

Está em desenvolvimento um projeto articulador, desenvolvido pelo coordenador e por pesquisadores de Iniciação Científica intitulado “Didáticas da História no século XX”. A intenção é procurar, catalogar e mapear a produção intelectual que discute, desde a proclamação da República até a atualidade, as características e necessidades sociais da História ensinada e aprendida, por estudantes e pelos cidadãos comuns. Embora seja um projeto aparentemente ambicioso, os levantamentos até o momento permitem observar, por um lado, uma relação variável entre as conjunturas de cada período e suas necessidades sociais de ensino do conhecimento histórico (para a legitimação de idéias e instituições,

mobilização dos cidadãos, consolidação de projetos políticos, etc.), havendo uma certa resistência dos conteúdos e objetivos originalmente definidos, que ganham uma certa autonomia em relação às novas demandas. Por outro lado, é possível constatar a permanência dos discursos sobre os objetivos do ensino da História, não só no campo em que esta permanência seria de se esperar, ou seja, nos discursos conservadores, mas também no campo das propostas renovadoras das concepções de História, métodos, conteúdos e finalidades do ensino.

Dois projetos de pesquisa em nível de mestrado têm se dedicado, sob orientação do autor, a investigar as relações entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento escolar. Janaína do Espírito Santo estuda a obra acadêmica de Rocha Pombo e a obra didática do mesmo autor, em busca das lógicas de didatização do conhecimento, bem como das influências que constituem as escolhas do autor, e ainda das influências que o autor, em consonância e dissonância com o seu contexto, exerce sobre a produção contemporânea de materiais didáticos. Ângela Ferreira estuda a discussão acadêmica sobre a História das Mulheres e suas repercussões sobre o material didático de História, procurando identificar os ritmos e os condicionantes da absorção desses desenvolvimentos do conhecimento sobre o trabalho educativo, também em relação com os respectivos contextos sócio-culturais.

Um outro projeto de mestrado orientado pelo autor estuda a relação entre a comunicação de massas e a mobilização dos conhecimentos históricos. Selma Bonifácio dedica-se ao estudo das Histórias em Quadrinhos e seus usos de conhecimentos históricos para a produção de narrativas ficcionais ou não-ficcionais, bem como as implicações, para o conhecimento, de sua versão para a linguagem dos quadrinhos. No mesmo grupo de preocupações encontra-se a própria tese de doutoramento do autor, que se dedicou ao estudo dos elementos históricos da nação representados na publicidade em revistas no período do “milagre econômico” brasileiro e sua recepção por parte dos leitores, como uma forma de aprendizado ou re-aprendizado não-formal de História.

Os fundamentos teóricos da presente concepção de Didática da História têm ainda uma contribuição para o estudo da educação inicial e continuada de professores. Nesse sentido, os projetos de mestrado de Maria Antonia Marçal e Caroline Pacievitch procuram investigar os processos mentais de formação da identidade pessoal e profissional dos professores de História, diante das múltiplas demandas por padrões de atitudes cobradas pela sociedade, pelo sistema educacional, pelos movimentos sociais e sindicais e, por fim, pela própria consciência estruturada por esses sujeitos ao longo de vários anos, que apontam para determinadas representações da História-disciplina, da História-processo e do papel do professor de História diante das mesmas. Provocar e analisar suas narrativas (ato constituinte e exemplar da consciência histórica) é o eixo metodológico privilegiado, seja para Rüsen, seja para outros autores como Agnes Heller ^{vi}, o que pode, inclusive, adicionar novos pontos de vista para a reflexão epistemológica em torno da História Oral.

Há uma ampla gama de desafios postos para o GEDHI e para a pesquisa na área. Consideramos que o enfrentamento dos mesmos consiste num esforço em múltiplas frentes: extensão vertical e horizontal das leituras, aprofundamento da relação com os colegas da Educação Básica e ampliação organizada dos estudos, de modo a evitar a mera sobreposição de temas que, embora próximos, estabeleçam pouco diálogo entre si e não sustentem uma ocupação sistemática do objeto a pesquisar. Além disso, é necessário estreitar a interlocução com profissionais que estejam desenvolvendo ações e reflexões próximas, e é nesse sentido que esse texto é apresentado.

ⁱ Referimo-nos a: **A Razão histórica** – Teoria da História: os fundamentos da ciência Histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001; Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da "nova transparência". **História: Questões e debates**. Curitiba, v. 10, n. 18-19, p. 303-328, Jun.-Dez 1989; A história entre a modernidade e a pós-modernidade. **História: Questões e debates**. Curitiba, v. 14, n. 26-27, p. 80-101, jan / dez 1997.

ⁱⁱ Entre outros, podemos citar: The Didactics of History in West Germany: Towards a New Self-Awareness of Historical Studies. *History and Theory* 26 October, 1987, 275-286 Ruesen, J. (2001). *What is Historical Consciousness? - A Theoretical Approach to Empirical Evidence*. Paper presented at Canadian Historical Consciousness in an International Context: Theoretical Frameworks, University of British Columbia, Vancouver, BC, 2001. Disponível em <http://www.cshc.ubc.ca/pwias/viewabstract.php?8>; El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Proposta Educativa**. Buenos Aires, n. 7, p. 27-36, 1992; El libro de texto ideal. Reflexiones en torno a los medios para guiar les clases de historia. **Iber. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia**, n. 12, p. 79-93, abril 1997.

ⁱⁱⁱ Para uma síntese precária de algumas das compreensões da expressão e do conceito de "consciência histórica", ver CERRI, Luis F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da História. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, PR, v. 6, n. 2, p. 93-112, Inverno 2001.

^{iv} **A História na Reflexão Didática**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9, n. 19, p. 29 – 42, set 89/fev. 90.

^v ANGVIK, Magne e BORRIES, Bodo von (eds.). **Youth and history: a comparative european survey on historical consciousness among adolescents**. Hamburg: Korber-Stiftung; Heinrich-Heine-Buchh, 1997.

^{vi} sobretudo em **Uma teoria da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.